



O INTELLECTUAL MILITANTE E A DEMOCRACIA COGNITIVA – POR UMA POLITIZAÇÃO DO PENSAMENTO

Autora: Ms. Andrezza Lima de Medeiros
Orientador: Prof. Dr. Orivaldo Lopes Júnior

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, zas_lima@hotmail.com

RESUMO

O homem perde, cada vez mais, sua veste humana juntamente com sua sensibilidade. Devemos resistir a isso através do afeto, da solidariedade e da liberdade de pensamento e imaginação. Pois, sem estas armas não será possível refletir, contextualizar, compreender, enxergar qual o sentido ou perspectivas ocultas no contexto social que nos cerca. É fundamental uma atitude ético-política diante do nosso papel de indivíduos atuantes na sociedade. Desse modo, o objetivo deste trabalho é promover o debate sobre a educação perpassando pela noção de intelectual militante, democracia cognitiva e ética, uma vez que tais componentes quando bem articulados nos ajudam a construir uma politização do pensamento sob bases sólidas. Contudo, agir no sentido da politização, aqui proposta, requer certa brevidade; para fazê-lo não é preciso convencer, e sim transmitir o que nos faz pensar, sentir, imaginar. O presente trabalho concebe a educação como aprendizagem da cultura e compreende que a sua necessidade crucial hoje é se nortear pela sustentabilidade e pela preservação do capital cultural da humanidade. É preciso retomar o diálogo entre razão e sensibilidade e reaver as qualidades afetivas, sociais, práticas e éticas. O professor talvez tenha que contemplar-se no espelho do antigo sábio, para atualizar sua imagem em sintonia com os desafios da sociedade atual. Para tratar das temáticas supracitadas optamos por uma perspectiva metodológica de cunho bibliográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Intelectual militante, democracia cognitiva, politização do pensamento, educação, ética.

1. DA POLITIZAÇÃO DO PENSAMENTO

1.1 Uma educação complexa: unindo a ética da compreensão e da responsabilidade

O desenvolvimento da ciência trouxe consequências consigo, como a fragmentação do saber científico resultante de uma superespecialização das disciplinas científicas; o desligamento das ciências da natureza das ciências do

homem; as ciências antropossociais passaram a adquirir todos os hábitos da especialização e ficaram sem nenhuma de suas vantagens; a tendência para a fragmentação, para a disjunção, para a *exoterização* do saber científico tem como consequência a tendência para o anônimo.

Parece que nos aproximamos de uma temível revolução na história do saber, em que ele, deixando de ser pensado, meditado, refletido e discutido por seres humanos, integrado na investigação individual de conhecimento e de sabedoria, se destina cada vez mais a ser acumulado em bancos de dados, para ser, depois, computado por instâncias manipuladoras, o Estado em primeiro lugar.

[...] Situação paradoxal, em que o desenvolvimento do conhecimento instaura a resignação à ignorância e o da ciência significa o crescimento da inconsciência. (MORIN, 1999, pág.17)

De alguma maneira, os cientistas produzem um poder sobre o qual não tem poder, mas que enfatiza as instâncias já poderosas, capazes de utilizar completamente as possibilidades de manipulação e de destruição provenientes do próprio desenvolvimento da ciência.

O intelectual teria, portanto, um desafio: o retorno reflexivo do sujeito científico sobre si mesmo. Tal tarefa é cientificamente impossível porque o método científico se constitui com base na disjunção do sujeito e do objeto, e o sujeito foi remetido à filosofia e à moral.

É justamente por isso que se faz salutar a necessidade de autoconhecimento no cerne do conhecimento científico, que deve fazer parte não apenas de toda política da ciência, como também da disciplina mental do intelectual pesquisador. Como seria isso? Seria uma constante interrogação no agir científico sobre os rumos ético e político que se tomam no decorrer da pesquisa, nas etapas de construção do conhecimento.

Em seu livro *Amor, poesia, sabedoria* (1998), Edgar Morin aborda as três temáticas que dão nome à obra, e concebe que o centro da sabedoria está na auto-ética. É na direção da auto-ética para si e para o outro que se encontram inseridas virtudes e práticas que tornam o humano justamente humano, pois estimula o exercício de se distanciar de si mesmo, e assim, saber objetivar-se. Esta atitude consiste em se ver como objeto, mas seguro de que se é sujeito, e com isso poder descobrir-se e examinar-se. O esforço de perceber-se a si é um elemento fundamental da vida, o problema é que ninguém nos ensina a fazer isso ou pode fazê-lo em nosso lugar.

É necessário, entretanto, ensinar e aprender a saber distanciar-se, saber objetivar-se e aceitar-se. Seria igualmente necessário saber meditar e refletir a fim de não sucumbir a essa chuva de informações que nos cai sobre a cabeça, ela mesma sucumbida pela chuva do amanhã, que nos impede de meditar sobre o acontecimento presente no cotidiano, não permitindo que o contextualizemos ou que o situemos. (MORIN, 1998, págs.63-64)

Refletir significa, primeiramente, ensaiar. E se foi cumprida a tarefa de contextualizar, compreender, enxergar qual pode ser o sentido, ampliam-se as diferentes óticas para ver a situação. Na compreensão está o coração da sabedoria moderna, afirma Morin (1998).

A evolução do conhecimento científico não é unicamente de crescimento e de extensão do saber, mas também de transformações, de rupturas, de passagem de uma teoria para outra. As teorias científicas são mortais e *são mortais por serem científicas*. A visão que Popper registra com relação à evolução da ciência vem a ser a de uma seleção natural em que as teorias resistem durante algum tempo não por serem

verdadeiras, mas por serem as mais adaptadas ao estado contemporâneo dos conhecimentos. (MORIN, 1999, pág.22)

Se faz crucial que toda ciência reflita sobre suas estruturas ideológicas e seu enraizamento sociocultural. Ainda falta uma ciência das coisas do espírito (ou noologia, como chama Morin), que seja capaz de conceber como e em que condições culturais as ideias se agrupam, se encadeiam, se ajustam, constituem sistemas que se auto-regulam, se autodefendem, se multiplicam, se autopropagam. À esta ideia, Morin complementa: “falta-nos uma sociologia do conhecimento científico que seja não só poderosa, mas também mais complexa do que a ciência que examina” (Ibid, pág.26). Esta mudança reflete num agir ético que permite que a atividade científica trilhe um caminho de reflexividade.

Todo cientista deve saber que serve a dois deuses, digamos assim. Contudo, eles são complementares e antagônicos. O primeiro é o da ética do conhecimento, que impõe que tudo seja sacrificado à sede de conhecer. O segundo é o da ética cívica e humana.

O limite da ética do conhecimento era invisível a priori, e nós o transpusemos sem saber; é a fronteira além da qual o conhecimento traz em si a morte generalizada: hoje, a árvore do conhecimento científico corre o risco de cair sob o peso dos seus frutos, esmagando Adão, Eva e a infeliz serpente. (MORIN, 1999, pág.36)

Em seu livro *Ciências da complexidade e educação* (2012) Conceição Almeida remete-nos à figura do abraço, traçado por Morin, como a metáfora que melhor traduz o significado da complexidade. Para ela esta palavra traz à tona o movimento e a estratégia que juntas formam a arte de expressão do pensamento complexo.

Ao se propor falar da ética como estética da vida, Almeida (2012) articula o pensamento de modo a nos permitir pensar junto com ela,

Se para Morin o pensamento complexo é o pensamento que pratica o abraço, e se o abraço é a expressão corporal de acolhimento, o ato de envolver, a forma que permite conter, cingir, e abranger, então uma ética da complexidade se expressa por uma estética de vida marcada pela plasticidade dos corpos e da alma. (ALMEIDA, 2012, pág. 237)

Reside no abraço a dialógica entre universalidade e singularidade, o exercício de uma estrutura mental aberta ao acolhimento e à hospitalidade, mas nele também habita o ruído e a desordem. É um processo de nutrição do conhecimento que acontece, também, pelo caminho dos sentidos; onde está contido uma conversa com sentimentos paradoxais que contaminam as esferas mais íntimas (nossa alma) até as macroconfigurações da cultura. É admitir que existe uma cumplicidade muda entre os homens e as coisas; é dar vazão aos nossos vários pertencimentos; é assumir que existe uma simbiose entre os domínios da natureza e da cultura que estão, simultaneamente, dentro e fora de nós.

Se faz necessário saber olhar e sentir o mundo que nos circunda. A tarefa de olhar para nosso pensamento significa procurar reduzir as resistências cognitivas. A leveza das ideias é peça chave na arte do abraço; Abraçar uma nova ideia não é aprisioná-la em nosso espírito e fazer dela um instrumento particular, onde apenas um se beneficia. Significa acolhê-la com espírito flexível e aberto.

1.2 A ética complexa

Edgard Carvalho em seu livro *Cultura e pensamento complexo* (2012) destaca a importância da transdisciplinaridade, pois esta é uma maneira de deter o furor da fragmentação do pensamento. Ela almeja construir metapontos de vista sobre a vida, a natureza, a terra, o homem. Atua como uma estratégia da pesquisa, caminho sem destino.

Seria este diálogo plural entre ciência e tradição, ciência e mito, ciência e arte que ocasionaria mudanças que garantam o entrelaçamento das emoções e das ações. Constituindo, assim, uma ciência do homem e para o homem.

Os fundamentos da ética complexa e do conhecimento científico passam, antes de mais nada, pelo conceito de ética admitido por Carvalho (ibid), ou seja, uma ética que se refere à Casa Comum e que envolve todos os integrantes de um *ethos*, levando-nos a associar esta compreensão à encíclica *Laudato Sí* – assinada pelo Papa Francisco (2015) – onde os excessos e ampliações de intolerância, violência e fundamentalismos geram pessoas cada vez mais vazias de si mesmas. Estamos imersos em um jogo cósmico, como diz o autor, que age de modo complementar e antagônico, entrelaçando quatro forças: religação, separação, integração, desintegração.

A ética, portanto, envolve sempre um ato de religação consigo mesmo, com os outros, com a comunidade, a história, a humanidade, o cosmo. Por ser um ato humano, a ética mergulha na incerteza do mundo. Logo, julgamentos éticos devem ser colocados entre parênteses. Deve-se considerar a felicidade, a racionalidade, obediência, revolta quando falamos em uma ecologia da ação voltada para a ética. Não é de hoje que a imaginação poética cedeu lugar à realidade da vida prosaica. É fundamental refletir sobre os caminhos que vislumbrem o papel da ética na cultura. Assim como, repensar o papel que desempenhamos na formação das gerações do futuro, responsáveis pelos destinos planetários é tarefa urgente. A ética se constitui, na ótica de Carvalho, como um fundamento ontológico que impede qualquer ser humano de praticar intencionalmente o mal e o força a exercitar o diálogo intercultural e a fazer o bem.

A ética faz parte da condição humana e antes de sermos animais racionais, somos animais éticos. Não devemos, portanto, torná-la um produto da racionalidade científica ou filosófica, ou ainda, atribuí-la, por exemplo, ao campo das religiões que pode ser vista como produtora e sustentadora da moral. Somado a este

pensamento, trazemos Humberto Maturana (apud LOPES JÚNIOR, 2013, pág. 80):

Nós, seres humanos, somos animais linguajantes emocionais que usamos as coerências operacionais da linguagem para justificar nossas preferências e nossas ações no processo, e sem nos darmos conta disso, nós nos cegamos para o fundamento emocional de todos os domínios racionais que trazemos a mão.

A ética deve promover um esforço no ser humano no intuito de um agir mais coerente consigo e com o outro. E quando esta condição humana se vê segregada existem resultados que ameaçam à todos. A ética complexa perpassa por uma profunda responsabilidade em relação às dimensões da cultura onde opera o pensamento, seja ele científico, mitológico ou artístico.

Carvalho (2012) nos mostra as Universidades como locais de fragmentação dos saberes, ou seja, onde se faz uma disjunção entre cultura científica e cultura de humanidades. Dentro desse contexto existem os comitês científicos, pautados em convicções teóricas, conceituais, metodológicas; e não possibilitam o diálogo, pois se recusam a abandonar seus pressupostos e criam uma linguagem cifrada que impede a abertura de um caminho rumo a novos paradigmas. Os cientistas têm a ilusão de que são objetivos, devido aos métodos que seguem e ao domínio das técnicas. Neste sentido, Sheldrake diz:

A preocupação de que a ciência é singularmente objetiva não apenas distorce a percepção pública a respeito dos cientistas como afeta a percepção dos próprios cientistas. A ilusão de objetividade os torna propensos a enganar os outros e a si mesmos e choca-se com o nobre ideal de buscar a verdade. (SHELDRAKE, 2014, p.307)

Edgard Carvalho indaga o leitor quando diz: Como criar e consolidar comitês de ética em espaços de saber e de poder nos quais a diretriz político-acadêmica básica se organiza em torno de um sistema fechado que não admite reorganização cognitiva? À essa questão ele mesmo propõe a resposta – através da educação dos educadores e pela reforma do pensamento.

Tal comitê deve ter um caráter consultivo, jamais impositivo ou legislativo. Deve ser constituído primordialmente pelo aspecto transdisciplinar e



multidimensional. Os sujeitos que o compõe devem ter: responsabilidade irrestrita, princípios de precaução, justiça restaurativa, liberdade autônoma livre de coações.

Em seu livro *Ética*, Spinoza reitera o sentido da palavra livre que, como podemos ver a seguir,

Diz-se livre o que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e por si só é determinado a agir; e dir-se-á necessário, ou mais propriamente, coagido, o que é determinado por outra coisa a existir e a operar de determinada maneira. (SPINOZA apud CARVALHO, 2012A, p.139)

O antropólogo brasileiro aponta, a partir de seus referenciais cognitivos – Prigogine e Morin, pelos quais nutre um misto de afeto e admiração –, a complexidade como uma ideia-problema em meio ao conceito-armadilha da cultura, que deve ser identificada como um ponto de partida, um operador que tece em conjunto e que procura religar o que está separado. É ela que, em potência e ação, constitui uma revolução cognitiva que precisa da reforma do pensamento, da resiliência do sujeito, da regeneração da política.

A consciência moderna vem se afastando, cada vez mais, da diversidade que se escamoteia por dentro do entrecruzamento de imagens e materialidades, de realidades que constituem a pluralidade das esferas da vida. Para que a crise de paradigmas desencadeie numa recomposição de todos os saberes planetários faz-se necessário que a vida repense a si própria. À esta ideia Carvalho (ibid, p.146) complementa: “assumir esse ponto de vista como um projeto implica praticar ciência com consciência.” Uma chave para entender melhor a complexidade se encontra na prática da transversalidade e conectividade que exige que a razão se abra, o pensamento se reforme, a criatividade se desencadeie, o medo do erro se extinga, a revolta se explicita, a autoética contamine o eu e o outro.

2. O INTELLECTUAL MILITANTE, A DEMOCRACIA COGNITIVA E O DESAFIO DE VIVER

Edgar Morin compreende que temos duas alternativas ao nosso alcance: realizar a metamorfose da sociedade ou efetuar sua catástrofe. De

modo que, ao superar a fragmentação dos conhecimentos e ao reorganizá-los em patamares afinados com uma ecologia das ideias e da ação o pensador francês está defendendo a ideia de reforma do pensamento e da educação.

Enquanto isso Mia Couto considera que a instituição escolar, muitas vezes, nos aconselha “a olhar o mundo através de uma só janela”. Por isso mesmo, ele sugere um exercício da cidadania que se nutra de nossas potencialidades e sonhos. Segundo Almeida, (2012B, págs. 78/79) a educação emerge como um lugar de apostas essenciais para compreender e agir num mundo imerso na incerteza.

O exercício de um pensamento complexo, aberto e criativo não deve ser construído através, necessariamente, da negação da fragmentação de saberes e da burocratização do saber; pois, não é unicamente fora dessa rede de disseminação e experimentação da condição humana que se deve delinear o pensamento aberto. Portanto, “a educação é um operador de aprendizagem da cultura e, como instituição e prática social, precisa tornar-se a base para a projeção do futuro” (Ibid, pág.79).

Enquanto isso, temos Einstein que nos lembra de uma ética do exercício intelectual para que as futuras gerações não venham a cobrar de nós a omissão e os erros consequentes de nosso papel como cidadãos-cientistas.

Por essa razão, as instituições educacionais têm como papel primordial a formação de sujeitos que sejam capazes de operar por meio de uma inteligência geral e de valores fundamentais. A educação está relacionada com a questão humana atemporal, com o desafio de viver, como já diziam Rousseau e Platão.

O renomado físico alemão Albert Einstein (2016), considerava que os ideais que suscitaram seus esforços e o permitiram viver foram o bem, a beleza e a verdade. Para ele, a vida ganhava mais sentido ao perseguir o ideal eternamente inacessível na arte e na ciência. A vida, em sua concepção, é um mistério que desperta emoção. É o sentimento que desperta a beleza e a verdade, e cria, por sua vez, a arte e a ciência. Se alguém não conhece essa sensação ou não pode mais experimentar espanto ou surpresa é porque já não mais pode ver.

Sobre a necessidade da cultura moral, o físico acreditava que os obstáculos conduzem ao progresso da existência social e individual. Essa ação negativa exige, também, uma vontade positiva para a organização moral da vida coletiva. O intuito dessa dupla ação se mostra de fundamental importância, pois pretende arrancar as más raízes e implantar a nova moral, e, assim formará a vida social da humanidade. O que Einstein chama de moral, aqui, compreendemos por ética que atua como uma atitude

direcionada para o bem coletivo e individual em todas as esferas que deve ser cultivada por cada sujeito.

O esforço para o conhecimento, por sua própria natureza, nos impele ao mesmo tempo para a compreensão da extrema variedade da experiência. O acordo final desses objetivos, no primeiro momento de nossas pesquisas, revela um ato de fé. Sem essa fé, a convicção do valor independente do conhecimento não existiria, coerente e indestrutível. (EINSTEIN, 2016, pág. 181)

A arte, em maior medida do que a ciência, almeja e esforça-se por atingir o aperfeiçoamento ético e estético. Mas a compreensão de outrem só conseguirá progredir com a partilha de alegrias e sofrimentos. A atividade moral, para Einstein, bem como a atitude ética para nós, implica na educação dessas impulsões profundas. Para isso, é preciso saber ver a si mesmo.

Ao falar sobre a ciência, o cientista alemão afirma que o esforço do conhecimento representa uma meta independente, sem a qual não existe uma explicação consciente da vida para o homem que declara pensar.

É necessário manter a condição de indignar-se contra toda forma de crueldade diante da vida. A indignação e a revolta, ao serem estética e sensivelmente bem direcionadas, podem se converter em forças civilizacionais importantes para alimentar valores como a solidariedade, o diálogo e a esperança. Nesse aspecto reside a “boa utopia”.

Toda transformação, projeção de futuro e mudança de rumo começa pelo tempo presente; começa pelo sujeito que se encontra insatisfeito, mas que possui qualidades visionárias e mobilizadoras. Começa no nível de fragmento, local, para depois de expandir. É da mudança de percepção dos sujeitos que nasce a mudança do mundo. Uma reforma do pensamento está no princípio da reforma da sociedade e das políticas de ciência e tecnologia. Essa tarefa é de cada um de nós. E é inadiável.

O futuro está aberto porque é incerto. Diante do momento de crise política que nosso país está vivendo, engendradas por um governo golpista e obscurantista, mesmo imersos nas incertezas, devemos fazer nossas apostas em consonância com os inegociáveis valores éticos da vida, da preservação do planeta e da difícil conquista e manutenção da democracia, da justiça social e da felicidade. Tal projeto não se restringe ao humano, baseia-se na compaixão e partilha com outros sistemas que dividem conosco a aventura da vida na Terra.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis. **Cultura e pensamento complexo**. Natal: EDUFRN, 2012A.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências da Complexidade e Educação**. Razão apaixonada e politização do pensamento. Natal: EDUFRN, 2012B.

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

LOPES JÚNIOR, ORIVALDO PIMENTEL. **O espelho de procrusto: ciência religião e complexidade**. Natal, RN: EDUFRN, 2013.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia e sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SHELDRAKE, Rupert. **Ciência sem dogmas: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista**. São Paulo: Cultrix, 2014.